São Lino, primeiro apóstolo e primeiro bispo de Besançon, primeiro sucessor de são Pedro

I

Escrevendo de Roma a Timóteo, são Paulo lhe diz: *«Saudão-te Eubúlo, e Pudente, e Lino, e Claudia, e todos os irmãos.»*[1]

São Lino, a quem o Apóstolo nomeia entre seus amigos íntimos, nasceu na Itália, em Volterra, cidade da Toscana, a doze léguas de Pisa.

A história só conservou o nome de seu pai; chamava-se Herculano. Segundo grande número de autores, *complures auctores*, o de sua mãe era Cláudia, a mesma de quem são Paulo envia a saudação a Timóteo.

II

Na Antiguidade pagã, cidade importante que deu nascimento a Pérsio, o poeta satírico contemporâneo de Nero e, na Idade Média, república independente, Volterra, decaída de seu antigo esplendor, conta hoje apenas seis mil habitantes e só oferece de notável seus monumentos etruscos.

III

Durante todo o reinado do paganismo, a Etrúria, a atual Toscana, foi célebre por seus mágicos. Crê-se que foi povoada pelos fenícios, que trouxeram ao Ocidente as práticas ocultas da idolatria oriental.

É de lá que Numa mandou vir os adivinhos sacerdotais para traçar o perímetro da cidade de Roma, e que, no próprio tempo de Cícero, os romanos enviavam os jovens senadores para aprender a ciência dos arúspices e dos áugures.

IV

Não é admirável ver a Providência tirar do foco secular da idolatria, da própria caverna dos mais temíveis demônios, o segundo Vigário d'Aquele que devia fazer calar todos os oráculos e derrubar todos os ídolos!

São Lino mostra-se digno de sua missão. Tais eram sua fé e sua santidade que expulsava os demônios e ressuscitava os mortos.

V

Em sua carta aos cristãos de Trales, o grande mártir de Antioquia, santo Inácio, nos ensina que são Lino se apegou primeiro a são Paulo, na qualidade de diácono, depois, na mesma qualidade, a são Pedro, a quem sucedeu.[2] Mas não esperou até a morte de são Pedro a consagração episcopal.

VI

O chefe dos Apóstolos, a quem estava confiado o cuidado de toda a Igreja, isto é, o mundo inteiro a converter, não era apenas bispo de Roma; era missionário universal, e os deveres de seu encargo o obrigavam a frequentes viagens ao Oriente como ao Ocidente.

Sabemos, em particular, que, aproveitando a liberdade de que gozaram os cristãos durante os primeiros anos de Nero, são Pedro empreendeu a evangelização das províncias ocidentais do império, as Gálias, portanto, e até a Grã-Bretanha.

VII

Durante suas ausências, era preciso prover ao governo da Igreja de Roma. Com esse fim, são Pedro deu-se dois coadjutores, são Lino e são Cleto: tal é a razão toda natural de sua elevação ao episcopado.

Henschênio dá outra, muito verossímil. Na consagração episcopal de são Lino e de são Cleto, como coadjutores de são Pedro em suas funções episcopais, vemos estabelecer-se, desde os tempos primitivos, o costume tornado lei nos cânones apostólicos. Esse costume, ainda em vigor, quer que três bispos concorram para o sacre de um novo bispo.[3]

Nesse ponto, como em todos os outros, nossos usos litúrgicos remontam à mais alta antiguidade e, só por isso, impõem o mais profundo respeito.

VIII

Missionários eles mesmos, os dois bispos, são Lino e são Cleto, nem sempre ficavam em Roma. A exemplo de são Pedro, iam, ora um, ora outro, anunciar o Evangelho fora.

Para a glória eterna de Besançon, o facho da fé lhe foi trazido por são Lino. Ao reivindicar a insigne honra de ter tido por primeiro bispo o primeiro Papa depois de são Pedro, Besançon não exagera suas pretensões. A presente Biografia resume suas principais provas.

São em número de três: 1º) a rápida propagação do Evangelho nos primeiros dias do Cristianismo; 2º) a importância da cidade de Besançon; 3º) a tradição.

IX

A RÁPIDA PROPAGAÇÃO DO EVANGELHO NOS PRIMEIROS DIAS DO CRISTIANISMO

Para não repetir o que disse no prefácio das Biografias evangélicas, contento-me em lembrar a predição de Nosso Senhor. Poucos dias antes de sua Paixão, o divino Mestre, sentado no meio de seus discípulos, na encosta do monte das Oliveiras, defronte de Jerusalém, lhes anuncia os castigos que cairão sobre a cidade deicida. Depois acrescenta:

> *E será prégado este evangelho do reino por todo o mundo, em testemunho a todas as gentes: e então chegará o fim.*[4]

X

O sentido literal dessa infalível predição é que, desde a saída do Cenáculo até Tito, isto é, no espaço de trinta e seis anos, o Evangelho daria a volta ao mundo, seria anunciado a todas as nações da terra, entre as quais encontraria adversários e discípulos, e que então chegaria a ruína de Jerusalém.

XI

Por evangelização universal do mundo deve-se compreender a fundação das Igrejas pelos Apóstolos em pessoa ou pelos próprios companheiros de seu apostolado, em todas as partes do universo. A própria palavra fundação não quer dizer que tenham dado a todas essas cristandades nascentes a forma regular e completa de que gozaram no decorrer dos tempos.

Significa que, em nome de seu Mestre, os Apóstolos espalharam, sobre toda a superfície do globo, a semente evangélica e criaram por toda parte famílias cristãs, tornadas mais tarde Igrejas. Era uma tomada de posse de todos os povos, dados em herança ao divino Redentor.

XII

Tal é a interpretação unânime dos santos Padres e dos mais sábios comentadores; daí resulta que a luz evangélica se espalhou com rapidez análoga à do sol.[5] Resumindo toda a tradição, são Tomás nos dá, com sua costumeira lucidez, o sentido preciso das palavras de Nosso Senhor.

> *A pregação do Evangelho por toda a terra — ensina o doutor angélico — pode entender-se de duas maneiras.*

> *A primeira, quanto à divulgação do conhecimento de Jesus Cristo; e nesse sentido o Evangelho foi pregado no mundo inteiro durante a própria vida dos Apóstolos, como diz são João Crisóstomo.*

> *A esse gênero de pregação refere-se o que diz Nosso Senhor: E então chegará a ruína de Jerusalém, de que falava no sentido literal.*

> *A segunda, quanto à pregação do Evangelho com seu pleno efeito: isto é, enquanto a Igreja será fundada em cada nação; e nesse sentido o Evangelho, como diz santo Agostinho, ainda não foi pregado no mundo inteiro: quando isso tiver lugar, então chegará o fim do mundo.*[6]

XIII

É inútil acrescentar que a predição de Nosso Senhor se cumpriu literalmente. São Marcos, que escrevia seu Evangelho em Roma, por volta do ano 42 ou 44, diz expressamente:

> *E disse-lhes: Ide por todo o mundo, prégai o evangelho a toda a creatura. [...] E elles tendo partido, prégárão em toda a parte, cooperando com elles o Senhor, e confirmando a sua prégação com os milagres que a acompanhavão.*[7]

XIV

Na Epístola aos Romanos, escrita no ano 58, são Paulo fala como são Marcos: *«Em todo o mundo he divulgada a vossa fé»*, diz aos fiéis de Roma.[8] Dois anos mais tarde, escrevendo aos Colossenses, proclama o mesmo fato:

> *Perseverais fundados na fé, e firmes, e immoveis na esperança, que vos dá o evangelho, que vos foi anunciado, que foi pregado a todas as criaturas, que ha debaixo do ceo.*[9]

Assim, segundo as afirmações infalíveis dos Apóstolos, o Evangelho nem sequer esperara, para espalhar-se no mundo inteiro, os trinta e seis anos preditos por Nosso Senhor como termo extremo; dera a volta a ele em menos de vinte anos.

XV

Em favor da difusão universal e quase instantânea da luz evangélica, acrescenta-se às palavras de Nosso Senhor e dos Apóstolos o testemunho da história:

> *Como o raio de sol — diz Eusébio — ilumina de uma só vez todas as partes do horizonte, assim, por efeito do poder celeste, a Palavra de Deus, o Verbo da salvação, levou instantaneamente seu esplendor ao universo inteiro. As palavras proféticas das Santas Escrituras verificaram-se ao pé da letra; a voz dos Evangelistas e dos Apóstolos se fez ouvir a todos os povos, e sua palavra ressoou até os extremos da terra.*

> *Semelhante à eira do lavrador que, no tempo da colheita, se enche de súbito de gavelas recolhidas de todas as partes, as Igrejas estabelecidas em todas as cidades e em todos os povoados viram-se logo cheias de infinita multidão de pessoas.*[10]

XVI

Dois fatos, milagrosos em primeiro grau, feriam de admiração os Padres da Igreja e, com a evidência da luz, provavam a divindade do Cristianismo. O primeiro, o triunfo da fraqueza sobre a força, das vítimas sobre os carrascos. O segundo, a prodigiosa rapidez da evangelização do universo.

> *Nunca consentirei — continua Eusébio — em ver apenas um fato humano na pregação que fazem os Apóstolos a todo o universo do nome de Jesus; dos milagres de sua vida, que publicam nas cidades e nos campos; invadindo o império romano e a cidade rainha de todas as cidades; percorrendo os reinos dos persas e dos armênios, as regiões habitadas pelos partos; penetrando entre os citas e até os confins do universo, nas regiões da Índia; atravessando o Oceano e aportando até às ilhas chamadas Britânicas: trans Oceanum evasisse, ad eas insulas quæ Britanniæ vocantur.*[11]

XVII

Retenhamos bem essas últimas palavras: são duplamente preciosas. Por um lado, facilitam a crença no apostolado de são Lino;[12] por outro, autorizam a tradição da Inglaterra, que sustenta ter recebido a fé de são Pedro e de são Paulo em pessoa.

Para não me repetir, omito muitos outros testemunhos citados no prefácio de nossas Biografias e passo à evangelização das Gálias em particular.

XVIII

Depois das provas irrefragáveis da apostolicidade imediata de todas as Igrejas do mundo em geral, pode, com razão, parecer supérfluo produzir razões especiais para assegurar a mesma glória às Igrejas das Gálias. Não é assim.

Sob vãos pretextos, críticos modernos, críticos franceses, obstinaram-se em negar a evangelização da França pelos Apóstolos em pessoa ou pelos companheiros de seu apostolado. A suas pretensões insensatas e malsãs, é preciso opor sem temor uma negação radical.

XIX

A verdade é: 1º) que na França a fé remonta aos primeiros dias da Igreja. A exemplo de suas irmãs do Oriente e do Ocidente, a Gália pode dizer:

> *Eu também sou filha dos Apóstolos. Não sou criança póstuma. Conheço minha genealogia. Como o de minhas irmãs, minha certidão de nascimento data da época decorrida entre o Calvário e a ruína de Jerusalém.*

A verdade é: 2º) que, depois da Palestina, a França, a primeira, ao menos no Ocidente, conheceu o Cristianismo; isto é, foi seriamente informada do nascimento, dos milagres, da doutrina e da morte de Nosso Senhor. Demos algumas provas.

XX

Perguntamos primeiro a nossos pequenos críticos, jansenistas e galicanos: Onde vistes que, ao anunciar a pregação do Evangelho por toda a terra antes da ruína de Jerusalém, Nosso Senhor tenha dito: *«Este Evangelho será pregado em todo o universo, exceto nas Gálias»*?

Onde vistes que são Marcos e são Paulo, dizendo que antes da ruína de Jerusalém o Evangelho dera a volta ao mundo, tenham acrescentado *«exceto as Gálias»*?

Com que autoridade vos permitis excluir as Gálias do benefício da evangelização apostólica?

XXI

As Gálias eram um canto de terra desconhecido? Não eram, ao contrário, uma das partes mais consideráveis e mais florescentes do mundo antigo? Não formavam um conjunto de nações muito conhecidas e muito temidas? Não estavam às portas de Roma, morada de são Pedro, especialmente encarregado de formar o imenso aprisco de que era o chefe?

XXII

E durante vinte e cinco anos são Pedro teria permanecido em Roma, de braços cruzados diante das Gálias, diariamente frequentadas pelos romanos, sem vir ele mesmo ou sem enviar ali um só missionário? Entre os outros Apóstolos ou os setenta e dois discípulos que visitaram os povos mais remotos da África, da Europa e da Ásia, nenhum teria tido o pensamento de evangelizar as Gálias?

Parece-nos que propor semelhantes perguntas é resolvê-las.

XXIII

Às provas indiretas da evangelização imediatamente apostólica das Gálias juntam-se as provas diretas. Disse que, entre todas as regiões do Ocidente, as Gálias foram as primeiras seriamente

informadas da presença do Filho de Deus entre os homens: resta mostrá-lo.

XXIV

Desde toda a eternidade a França fora escolhida para ser a filha primogênita da Igreja. Sem outro raciocínio, não posso deixar de crer que, nessa qualidade, ela deve ter conhecido antes de suas irmãs caçulas os fatos que assinalavam a vinda do Messias e a presença do próprio Messias.

É uma dessas belas harmonias que se encontram a cada passo nas obras da Sabedoria eterna e de que só um espírito superficial pode pôr em dúvida a comovente realidade. Aliás, dessa gloriosa predileção a história vai logo nos oferecer as provas mais consoladoras.

XXV

No quinquagésimo sétimo ano do reinado de Augusto, tendo Nosso Senhor dezesseis anos, Arquelau, filho e sucessor de Herodes, foi privado de seu governo e enviado ao exílio perpétuo em Viena, nas Gálias, onde morreu seis anos depois da Paixão do Salvador.

Esse príncipe conhecia os prodígios que haviam assinalado o nascimento de são João Batista, o massacre dos Inocentes, a adoração dos Magos. Pode-se razoavelmente supor que, durante vinte e dois a vinte e três anos de exílio, Arquelau nunca tenha aberto a boca a esse respeito? Pode-se tanto menos quanto esses fatos tinham grande repercussão, interessavam sua família, e ele, testemunha ocular, devia estar desejoso de retificar ou completar-lhes a narração.

XXVI

Eis o que é mais significativo. Poucos anos depois da morte do Salvador, abordavam as costas da Provença seus mais íntimos amigos. Recuaria cem anos aquele que, em nossos dias, ousasse pôr em dúvida o apostolado de Lázaro, de Marta, de Madalena e de seus companheiros em Marselha, em Tarascon, em Aix e no sul da França.

Como para confirmar a missão de seus amigos, o divino Mestre ia fazer chegar às Gálias dois de seus maiores inimigos. Esses dois missionários de novo gênero são Herodes e Pilatos.

XXVII

No ano 40 de Nosso Senhor, sete anos depois de sua Paixão, Herodes, o assassino de são João Batista, o insultador do Salvador Jesus, é privado de seus Estados e de todas as riquezas pelo imperador Calígula e depois enviado ao exílio na cidade de Lyon, com Herodíades e sua filha Salomé, a dançarina.

Que impressão deve ter produzido, não só em Lyon, mas nas Gálias, a chegada desses odiosos personagens? A quantas perguntas e comentários deu lugar sua presença? Como tudo o que se contava de seus crimes e de sua desgraça era de natureza a popularizar cada vez mais o conhecimento dos fatos evangélicos, de que a Judeia era o teatro!

Digo popularizar cada vez mais, pois, desde que os amigos do Salvador estavam na Provença, pregando a doutrina de seu divino Mestre e fazendo milagres, a luz do Evangelho já iluminava parte das Gálias.

XXVIII

Herodes estava havia um ano em nossa pátria quando um novo personagem, mais célebre ainda, veio, com sua presença, anunciar o Evangelho. No ano 41 de Nosso Senhor, Pilatos foi chamado da Judeia, despojado de todas as dignidades, banido a perpetuidade e relegado nas Gálias, na cidade de Viena. Ali ficou cerca de três anos e acabou a vida pelo suicídio.

XXIX

Negar, ou apenas pôr em dúvida que, durante esse lapso de tempo, Pilatos, entregue a si mesmo, tenha falado de Nosso Senhor, seria mais que pueril. Como? Pilatos, que enviara a Tibério a narração detalhada da vida do Personagem extraordinário que enchia o mundo com o ruído de seu nome, cujos atos haviam lançado tão grande brilho sobre seu governo e cuja morte associava seu nome ao da augusta Vítima, podia ficar mudo sobre tão prodigiosos acontecimentos?

XXX

Os que dele se aproximavam não deviam estar ávidos de recolher de sua boca todos os pormenores sobre o que se passara? Ele mesmo, seja para interessá-los, seja para justificar-se, não devia voltar com frequência, em suas conversas, a um assunto de que estava cheio e que conhecera melhor que ninguém? Tudo isso é verdadeiro, porque tudo isso está na natureza.

De tudo o que precede resulta que, por predileção da Providência, as Gálias haviam ouvido falar de Nosso Senhor desde os primeiros anos de sua vida; e que, desde sua morte, o conhecimento do Cristianismo começava a espalhar-se ali, antes mesmo da chegada de são Pedro ao Ocidente.

XXXI

Uma vez em Roma, o primeiro cuidado de são Pedro foi evangelizar as Gálias.[13]

Essa evangelização se fez com conjunto e rapidez maravilhosa. Enviados pelo chefe da Igreja, um enxame de bispos missionários levam o facho da fé a todas as nossas províncias.

> *É absolutamente certo — escrevia no século XII Pedro, o Venerável, abade de Cluny — que Crescente foi o apóstolo de Viena; Ursino, de Bourges; Paulo, de Narbona; Saturnino, de Toulouse; Austremônio, da Auvérnia; Marcial, de Limoges, de Bordeaux e de Poitiers; Frontão, do Périgord; Eutrópio, da Saintonge; Graciano, de Tours; Juliano, do Mans; Dionísio, de Paris; Potenciano e Savinião, de Sens; Luciano, de Beauvais; Andoche, de Autun; Benigno, de Langres; e quem poderia nomear todos os nossos gloriosos Apóstolos e Pais na fé!*[14]

XXXII

Como ele mesmo diz, o santo abade só faz uma enumeração sumária dos primeiros apóstolos das Gálias. Daí vem que não menciona nem Lino de Besançon, nem Trófimo de Arles, nem Lázaro de Marselha, nem Materno de Colônia e de Trèves, embora seu apostolado, contemporâneo de são Pedro, não seja menos certo que o dos ilustres missionários cujos nomes dá.

XXXIII

Disse que, imediatamente depois da chegada de são Pedro a Roma, a evangelização das Gálias se fez com maravilhosa rapidez. Desde o ano 169, cerca de sessenta anos depois da morte de são João, o último sobrevivente dos Apóstolos, santo Irineu afirma que o Evangelho não só foi pregado a todas as nações do Oriente e do Ocidente, mas, o que é muito mais significativo para o apostolado de são Lino, que Igrejas estavam fundadas entre todas as nações do Ocidente, notadamente entre os celtas.[15]

XXXIV

Mas a fundação de Igrejas no mundo inteiro, isto é, o estabelecimento regular e duradouro de milhares de cristandades, não é obra de um dia. Tal fato, convenha-se, exige tempo bastante longo e supõe uma pregação já antiga.

Nas palavras de santo Irineu e na data em que foram escritas, que sólida prova da evangelização imediatamente apostólica das Gálias, por conseguinte da Sequânia e de sua importante capital!

Que refutação peremptória dos que retardam a evangelização de Besançon até a chegada dos santos Ferréolo e Ferjeux, por volta do ano 180!

XXXV

Tertuliano, cujo berço toca o túmulo de santo Irineu, não é menos explícito.

> *Os variados ramos da raça dos gétulos — diz o grande apologista —, os numerosos países habitados pelos mouros, todas as regiões das Espanhas, as diversas nações das Gálias, a Bretanha inacessível aos romanos, estão submetidos a Cristo.*[16]

XXXVI

IMPORTÂNCIA DA CIDADE DE BESANÇON

Dois fatos importantes estão desde agora adquiridos para nossa Biografia. Por um lado, a evangelização geral das Gálias, seja pelos Apóstolos em pessoa, seja pelos companheiros de seu apostolado. Por outro, a existência, em meados do século II, de Igrejas fundadas entre as diversas nações das Gálias, notadamente a Gália Céltica, habitada pelos sequanos.

Esses dois fatos encerram um terceiro, a evangelização de Besançon desde os primeiros dias do Cristianismo e, por consequência, o apostolado de são Lino. Alguns pormenores históricos vão dar a prova disso.

XXXVII

No nascimento do Cristianismo, as Gálias, conquistadas por César, dividiam-se em três províncias: a Gália Aquitânia; a Gália Bélgica e a Gália Céltica, cuja capital era Besançon. Essas três províncias reunidas formavam sem contestação uma das partes do império romano mais florescentes e mais conhecidas. Entre essas províncias, uma das mais consideráveis era a Sequânia, chamada, por causa de sua importância, a «*Máxima Sequânia*»: *Maxima Sequanorum provincia*.

Com razão, pois a Sequânia compreendia não só toda a Franche-Comté, os Vosges, boa parte da Lorena e da Suíça, mas ainda a Bresse e a Alsácia até o Reno.

XXXVIII

A prova dessa vasta extensão perpetuou-se num fato ainda existente. Nos tempos primitivos, as dioceses eclesiásticas tiveram os mesmos limites das províncias civis. Daí vem que o arcebispado de Besançon teve por sufragâneos Nancy, Metz, Saint-Dié, Belley, Estrasburgo e até Lausana.[17]

XXXIX

Dessa Máxima Sequânia que, ao testemunho de todos os historiadores, era a província mais populosa das Gálias, Besançon era a capital.

Por sua antiguidade, perdida na noite dos tempos; por suas riquezas e sua beleza, chamada Crisópolis, a Cidade de Ouro; por suas poderosas fortificações, mencionadas por César: *Maximum et munitissimum Sequanorum oppidum*,[18] Besançon fixava todos os olhares.

Roma sobretudo a conhecia de longa data. Não esquecera que era da cidade do Bisão[19] que partira o grosso do exército gaulês que, sob a condução de Breno, outrora a devastara, reduzira a cinzas e degolara seus senadores.[20]

O bisão não é um animal quimérico; é uma espécie de búfalo de juba de leão, conhecido de toda a Antiguidade. Boécio o descreve assim: *«Nas florestas da Escócia encontram-se búfalos todos brancos, com juba de leão.» Descript. regni Scotiæ*, fol. xi. Ainda se encontram, embora raramente, nas florestas da América Setentrional.

Buffon vira um jovem, do qual diz:

> *A enorme juba de que sua cabeça é cercada não é crina, mas lã ondulada e dividida em flocos, pendendo como um velho velo.*

(*Hist. nat.*, *«Bison»*.)

Esse animal, do tamanho de um boi, é muito rápido na corrida, muito selvagem e muito temível. A esses títulos o bisão desempenhava grande papel entre as feras que os romanos faziam aparecer em seus anfiteatros. *In omni Septentrionali plaga Bisontes frequentissimi, qui Bubus feris similes sunt. Setosi colla, jubas horridi, ultra Tauros pernicitate vigentes, capti assuescere manu nequeunt* (

> *Em toda a região setentrional são muito frequentes os bisões, semelhantes aos bois selvagens; cerdosos no pescoço, hirsutos de juba, superiores aos touros em rapidez, uma vez capturados não conseguem acostumar-se à mão*

). Solin., *in Polyhistore*, c. 23.

Hoje o Jardim de Aclimatação, em Paris, possui um desses temíveis animais.

Notemos a tenacidade da tradição: o nome de Crisópolis, dado a Besançon, logo foi esquecido, e a cidade retomou seu antigo nome.

XL

Desde que se tornara sua conquista, Roma trabalhara com ardor para fazer à sua imagem a cidade sequana: nisso só teve êxito demais. Como todas as cidades romanas de primeira ordem, Besançon tinha seu anfiteatro, seu circo, sua naumaquia, suas termas, suas arenas, sua escola de gladiadores, seu campo de Marte, seu Capitólio, seu Fórum, seus ginásios, seus templos em grande número, dedicados às principais divindades greco-romanas; e, infelizmente, seus sacrifícios humanos, tão numerosos e tão bárbaros que os próprios romanos foram obrigados a aboli-los.

XLI

Todos esses fatos, reunidos aos fatos contemporâneos e estudados sem paixão, parecem-me formar, em favor da evangelização primitiva de Besançon, uma prova moral cuja força iguala, se não supera, a de qualquer prova histórica.

Como supor que, entre todas as províncias das Gálias, são Pedro tenha esquecido a mais importante, ele que, em pessoa, evangelizava ou fazia evangelizar as pequenas cidades da Bitínia, da Frígia, do Ponto, da Capadócia?

Como crer que tenha negligenciado enviar um só Apóstolo a uma cidade como Besançon, célebre entre todas e cuja conversão podia ter tanta influência sobre a Máxima Sequânia? Tal suposição é admissível? Fazemos dela juiz todo homem de boa-fé.

XLII

Quanto aos espíritos hesitantes que, por causa de antigos preconceitos, remetem para meados do século III a evangelização das Gálias, por conseguinte de Besançon e da Sequânia, lembraremos a eles não só os textos de santo Irineu e de Tertuliano, mas a seguinte passagem do sábio arcebispo de Marca.

XLIII

> *Não posso deixar de queixar-me — escrevia — da injúria feita à França, não por estrangeiros, mas por franceses. Cegados pelo vão desejo de passar por sábios, em vez de ver a verdade que brilha a todos os olhos, imaginam que devem procurá-la, como se estivesse escondida no fundo de um poço.*

> *Sabem muito bem que os Apóstolos levaram o Evangelho à Etiópia e às Índias, e negam que o tenham levado às Gálias, como se as mais florescentes nações, e as mais vizinhas de Roma, a capital do mundo, lhes tivessem sido menos caras que essas regiões longínquas e situadas fora das fronteiras romanas. Tal não foi o pensamento dos Apóstolos. Mal chegados à Itália, seu primeiro cuidado foi evangelizar as Gálias.*[21]

XLIV

E agora, que são Pedro tenha enviado são Lino a Besançon, como enviava tantos outros missionários às Gálias: que há de impossível, ou mesmo de inverossímil? São Lino era coadjutor de são Pedro, associado à pregação universal do Evangelho, e tinha por colega são Cleto.

Quem podia impedir são Pedro de destacar, de tempos em tempos, em missão um de seus coadjutores? A presença simultânea de um e de outro nem sempre era necessária em Roma, sobretudo quando são Pedro ali se achava.

Aliás, por sua importância, a evangelização da maior província das Gálias e de sua célebre capital parecia exigir um apóstolo distinguido entre todos. São Pedro podia, pois, enviar são Lino a Besançon; era conveniente que o fizesse. Fê-lo? A história vai responder.

XLV

A TRADIÇÃO

Até a época dos hipercríticos, cuja presunção foi na razão direta da ignorância, jansenistas e galicanos que, durante mais de um século, se entregaram ao nobre ofício de caçar nossos santos e decapitar nossas igrejas, pondo mão baixa nas tradições mais veneráveis, Besançon sempre creu que tivera por primeiro apóstolo são Lino, sucessor imediato de são Pedro. Ouçamos essa antiga Metrópole contar-nos ela mesma a história de sua vocação à fé.

XLVI

> *Era o ano 54 da Encarnação; o tribuno Onásio, governador da cidade,*[22] *passeando não longe das muralhas, avistou um homem cujo traje estrangeiro lhe chamou a atenção. Aproximou-se e perguntou-lhe quem era e qual era sua religião: esse estrangeiro era são Lino.*

> *Apressou-se em responder ao tribuno: "Adoro um só verdadeiro Deus, e possa ele ser-vos propício! Seu Filho Jesus Cristo fez-se homem por nós. Esse Filho adorável sofreu cruelmente da parte dos judeus que, depois de inumeráveis tormentos, acabaram por crucificá-lo; mas três dias depois de sua morte ressuscitou, contrariamente a todas as leis da natureza. Por esse milagre provou ao mundo, com a última evidência, que é verdadeiramente o Filho de Deus. Agora está no céu, de que é o rei, e ali viverá eternamente, cercado dos que sua fé e piedade tiverem tornado dignos dessa feliz morada."*

XLVII

> *A segurança e a sabedoria do estrangeiro agradaram ao tribuno, e veio-lhe o pensamento de recebê-lo em sua casa.[23] Não que tivesse a intenção de abraçar a verdadeira fé, mas queria satisfazer sua curiosidade, sabendo novos pormenores sobre esse nazareno crucificado de quem já ouvira falar.[24]*

XLVIII

> *Tal foi a conduta de Lino no palácio de Onásio que este, vendo a santidade de seu hóspede, lhe fez concessão de um terreno. O santo apóstolo, que viera para pregar a Ressurreição de Jesus Cristo, ergueu nesse lugar um edículo em honra da Ressurreição, da Santíssima Virgem e de santo Estêvão, primeiro mártir.*

XLIX

Este último pormenor entra nos fatos gerais da história. Sabe-se que a maior parte de nossas igrejas primitivas foi dedicada sob a invocação de são João Batista e de santo Estêvão. A razão é que os Apóstolos e seus companheiros haviam trazido ao Ocidente relíquias desses dois ilustres santos.

Em Besançon, a atual igreja de São João foi originariamente dedicada a santo Estêvão, depois a santo Estêvão e a são João; por fim, o nome de São João lhe ficou, e o de Santo Estêvão passou à igreja edificada no cume da montanha.

Dá-se o mesmo em Lyon. Sua igreja metropolitana teve primeiro por padroeiro santo Estêvão, depois são João. Esta última invocação é a que traz hoje, e a de Santo Estêvão foi dada a uma

igreja edificada na vizinhança.[25]

Por ocasião desse grande número de igrejas da França dedicadas a santo Estêvão, o Martirológio das Gálias, a 26 de dezembro, faz as seguintes reflexões:

> *Huic Beatissimo Stephano Gallia præ cæteris gentibus, sæculari jure addicta et devincta videtur, et ipsa salutiferæ fidei christianæ traduce, quam et Dei dono inæstimabili, sic et ope meritisque ipsius protomartyris censenda est consecuta. Vetus enim apud pios est vulgatissimumque adagium: Si Stephanus non orasset Ecclesia Paulum non habuisset. Porro sine Stephani prece ut Ecclesia non habuisset Paulum; sic nec sine Pauli prædicatione Dionysium Gallia fuisset adepta. Debet igitur Stephano Gallia, vel hoc titulo beneficium suæ illuminationis.*

(

> *A este bem-aventuradíssimo Estêvão a Gália, mais que as outras nações, parece estar atada e vinculada por direito secular, e deve-se julgar que a própria transmissão da salutar fé cristã, dom inestimável de Deus, lhe veio também pelo auxílio e pelos méritos do próprio protomártir. Pois é entre os piedosos adágio antigo e vulgaríssimo: Se Estêvão não tivesse orado, a Igreja não teria tido Paulo. Ora, como sem a prece de Estêvão a Igreja não teria tido Paulo, assim sem a pregação de Paulo a Gália não teria obtido Dionísio. Deve, pois, a Gália a Estêvão, ao menos por este título, o benefício de sua iluminação.*

)

Assim como os pagãos erguiam monumentos aos deuses de quem julgavam ter obtido a vitória, assim os primeiros apóstolos das Gálias, sabendo que fora pelo favor de santo Estêvão que haviam submetido esses povos à fé, lhe ergueram os primeiros templos conhecidos em nossas regiões.

L

Ao edículo, são Lino acrescentou um batistério, onde deviam ser regenerados os que se fizessem cristãos.

Esse batistério, chamado fontes de são Lino, foi por muitos séculos o único batistério de Besançon. Mais tarde batizou-se nas diferentes paróquias da cidade, à exceção dos sábados de Páscoa e de Pentecostes.

Nesses dias todos os batismos deviam realizar-se no batistério de são Lino, para perpetuar de geração em geração o conhecimento do lugar onde são Lino batizara os primeiros cristãos de Besançon.

LI

> *Vários manuscritos dizem que Onásio foi um dos primeiros a abraçar a fé. Número considerável de pessoas se mostrava disposto a seguir-lhe o exemplo quando, um dia, oferecendo o povo um sacrifício a seus deuses postos sobre colunas de pedra, são Lino acorreu e, fendendo a multidão, exclamou: "Cessai de honrar tais divindades e de render a vãos ídolos a honra que só é devida ao verdadeiro Deus; abraçai antes a fé que vos prego."*

LII

> *Essas palavras foram um raio que quebrou uma das colunas, derrubou-a por terra e mutilou a estátua que sustentava.*

O mesmo fato se encontra várias vezes reproduzido nos Atos dos Mártires. Essas colunas eram em número de quatro, número dos grandes deuses dos sequanos: Esus, Teutates, Taranis e Belenos.

Conforme o costume seguido entre os pagãos, estavam colocadas em lugar alto, isto é, no local da cidadela de hoje, chamado monte Célio. É, aliás, a meia encosta desse monte que estava edificada a cidade primitiva.

Derrubadas por um furacão pelo fim do século XIV, essas colunas não foram reerguidas, mas seus largos pedestais ainda se viam antes da Revolução.

LIII

> *Esse espetáculo inesperado exaspera os sacerdotes dos ídolos. Logo açulam contra o santo a multidão supersticiosa: esta, furiosa por ver o poder do Cristianismo, lança-se sobre o Apóstolo e o expulsa da cidade com seus discípulos.*

> *São Lino, vendo que era quase impossível abrandar essas almas ferozes, retomou o caminho de Roma e voltou a são Pedro, que o recebeu com ternura paternal.*

O apostolado de são Lino em Besançon durara cerca de um ano. Não fora estéril. Ao deixar Besançon, são Lino deixou discípulos que formaram um núcleo de cristandade, de que cuidaram homens apostólicos, até a chegada de são Ferréolo e de são Ferjeux.[26]

LIV

É nesses termos, em que respira a antiga simplicidade, que Besançon conta, havia dezoito séculos, a história de sua vocação à fé. Consignada nos mais antigos manuscritos, cartas, diplomas, rituais, martirológios, atestada por monumentos autênticos, constantemente lembrada por usos veneráveis, essa história foi recebida, sem contestação, por mais de quinze séculos.

Acrescentemos que merece toda confiança. A água que está mais perto da fonte é sempre mais pura que a que dela está distante; o mesmo se dá com a tradição. A mais antiga é a melhor, pois a verdade é sempre a primeira.

LV

Na própria época da crítica sem trégua, no século XVI, um manuscrito bisontino a repete com segurança e, numa linguagem cuja ingenuidade exclui toda suspeita de fraude, continua a cadeia da tradição. Eis em que termos esse documento, pouco conhecido demais, começa a cronologia dos bispos e arcebispos de Besançon:

LVI

> *Depois da triunfante e gloriosa ascensão de Jesus Cristo ao Céu e da missão do Espírito Santo a seus Apóstolos, o diabo, vendo os judeus e os gentios converterem-se e reconhecerem esse Jesus Cristo, verdadeiro Deus e homem, por seu Messias e Salvador, não podendo suportar o avanço do reino de Deus prometido por Daniel, suscitou tal e tão grave perseguição contra os apóstolos e discípulos desse nosso Salvador e contra todos os que faziam profissão da santa religião, única via do Céu, que, depois do martírio do glorioso diácono santo Estêvão, primeiro mártir, os bem gloriosos apóstolos e discípulos desse filho de Deus, nossa vida, salvação e justificação, se dispersaram aqui e ali; de modo que, no ano da salvação do mundo cinquenta e quatro, e do reinado de Cláudio,*

> *imperador romano, o sexto,[27] e do pontificado de são Pedro em Roma o oitavo, Lino, toscano de nação, um dos setenta discípulos de nosso Redentor,[28] homem de grande erudição e ciência, chegou à cidade de Besançon, então chamada Crisópolis, cidade de ouro, por sua beleza e senhorio dos romanos, na qual Onásio, homem riquíssimo em posses, exercia o ofício de tribuno.*

LVII

> *O qual, vendo Lino vestido de outra maneira que os romanos e de cabeça rapada, depois de interrogá-lo e saber que era cristão, o conduz e retém em sua casa humanamente; não por zelo que tivesse pela religião cristã, mas por curiosidade de saber dele alguma novidade e dos fatos admiráveis de Jesus de Nazaré, Rei dos judeus, de quem tinha ouvido falar muitas vezes.[29]*

LVIII

> *E tendo-o ouvido discorrer e frequentado por algum tempo, reconheceu-o homem tão excelente, de tão bom propósito, santidade de vida e salutar doutrina que lhe conferiu certa parte de sua herança na dita cidade de Crisópolis; na qual Lino edificou uma pequena igreja, que dedicou em honra da Ressurreição, para pregar a qual era ali enviado de Deus por são Pedro, em honra da Virgem Maria e de santo Estêvão, primeiro mártir.*

LIX

> *Ali erigiu fontes batismais, pregou Jesus Cristo, verdadeiro Deus e homem, nascido da Virgem Maria, morto pelos pecados dos crentes e operadores de justiça, ao terceiro dia ressuscitado dos mortos, subido ao Céu e assentado na mesma Majestade, glória e poder que o Pai; e de lá devendo vir julgar os vivos e os mortos e dar a cada um segundo as suas obras.*

> *Doutrina que, com sua santidade de vida, atraiu vários dos cidadãos a grande admiração, de modo que uns aprovavam a fé e religião que pregava, outros a reprovavam, dizendo que era contra as antigas tradições de seus maiores.*

LX

> *Ora, como uma multidão de falsos deuses eram adorados na dita cidade, pela variedade e diversas fantasias dos cidadãos, ofereciam sacrifícios a seus grandes deuses, cujos ídolos estavam elevados sobre altos pilares fundidos em bronze; o que, chegado aos ouvidos de Lino, ferventíssimo na fé de Jesus Cristo, rogou a alguém que o conduzisse ao lugar dos sacrifícios, onde, chegado, repreendeu muito asperamente os cidadãos, dizendo que tais não eram deuses, mas diabos, o que demonstrou diante de todos, pois, fazendo sua oração a Jesus Cristo crucificado, que pregava, as colunas com seus ídolos caíram em pedaços diante de todos.*

LXI

> *De que grandemente irritados, os sacerdotes que sacrificavam a esses falsos deuses, como lobos vorazes, lançaram-se sobre Lino e o expulsaram da cidade; constrangido a retirar-se a Roma, junto a são Pedro, que o recebeu humanamente e o constituiu seu sucessor na sé; e, depois de governar a cátedra romana onze anos e alguns meses,[30] foi decapitado por Saturnino, cônsul,[31] por falsa acusação; durante o pontificado do qual enviou várias doutas e santas pessoas à cidade de Crisópolis para reduzir os cidadãos e habitantes à fé cristã.*

LXII

> *Mas como o povo era de cabeça dura, não puderam convertê-lo senão com grande sucessão de tempo, por causa das grandes perseguições dos imperadores Nero, Domiciano, Trajano, Antonino, Albino, Severo, Pertinaz, Maximino, Daciano e Valentiniano, durante o reinado dos quais os bispos de*

> *Crisópolis e os cristãos eram constrangidos, pelas grandes tiranias, a habitar nos bosques, montanhas e rochedos com as feras; as quais se mostravam mais humildes e afáveis para com os bons servos de Deus que os homens.*[32]

LXIII

Por confissão dos críticos modernos, a missão de são Lino é atestada por todos os monumentos da Igreja de Besançon.

> *Todos os nossos catálogos — dizem —, nossos manuscritos mais antigos, nossos rituais,*[33] *uma legenda bastante detalhada, um batistério que por muito tempo trouxe o nome de são Lino, fontes batismais que se puseram em seu lugar e que ainda o trazem, uma capela erigida nesse mesmo lugar e que tem, em nossos antigos monumentos, o título de Capela primitiva, Capella primitiva, enfim a tradição unânime, não permitem duvidar de que um de nossos bispos tenha trazido o nome de são Lino.*[34]

LXIV

Os fatos históricos provam-se pelos testemunhos, e são tanto mais certos quanto mais imponentes são os testemunhos por seu número, sua antiguidade, sua uniformidade, sua constância e o caráter das testemunhas.

Credes sem dúvida que o crítico cujas confissões acabamos de ouvir vai inclinar-se diante dessas irrecusáveis autoridades; e, como a história da Igreja primitiva nunca conheceu senão um só são Lino, conservar a Besançon a insigne honra de ter tido por primeiro bispo o primeiro Papa depois de são Pedro; estais enganados.

LXV

De um traço de pena risca toda a tradição. Não podendo negar a existência de um bispo de Besançon do nome de são Lino, pretende que esse bispo não é o que a antiga Metrópole sempre venerou. Perguntai-lhe quem é esse recém-chegado? De onde saía? Quem o enviara? Quando veio?

A essas perguntas, nem uma palavra de resposta. Em que apoia, pois, suas afirmações? Numa acusação de ignorância e de fraude que não receia lançar à face da Igreja de Besançon e das outras grandes Igrejas das Gálias. Ignorância, por não ter conhecido sua origem; fraude, por ter

fabricado, por vaidade, uma genealogia imaginária: para ser crido, é preciso ouvi-lo.

LXVI

> *De onde vem, pois — dir-me-ão —, essa tradição constante e uniforme? Por que esses catálogos, essas legendas, todos esses manuscritos enfim, que concordam em dar a são Lino a qualidade de apóstolo de Besançon?*

> *A resposta é fácil. Lembre-se por um momento aquela louca pretensão das mais antigas Igrejas de querer tirar imediatamente sua origem da Igreja romana, ou dos Apóstolos ou, ao menos, de seus discípulos.*[35]

LXVII

> *Era preciso sustentá-la e apoiá-la em alguma verossimilhança.*

> *Que fizeram então algumas dessas Igrejas? As que haviam tido bispos do nome dos discípulos pretenderam que eram esses mesmos discípulos e, para persuadi-lo, puseram-nos à frente de seus catálogos. A fraude foi conhecida primeiro por pequeno número de pessoas interessadas em escondê-la.*

> *Logo depois, em meio aos séculos de ignorância, todo o mundo a adotou sem contestação.*

LXVIII

> *A Igreja de Besançon achou-se nesse caso.*[36]

> *Tendo-se perdido seus primeiros manuscritos nas diferentes devastações que sofreu, compuseram-se outros, sobre rumores populares[37] ou sobre a tradição oral de algumas pessoas que pretendiam saber como as coisas se haviam passado.[38]*

> *São Lino, que era realmente um de nossos primeiros bispos, foi primeiro suspeitado;[39] depois, pouco depois, tido, por causa da semelhança de nome, como sucessor de são Pedro.*

> *Fez-se dele seu discípulo e o fundador de nossa Igreja. A vaidade teve nisso talvez tanta parte quanto a ignorância.[40] Quis-se com isso ilustrar a Igreja de Besançon, e julgou-se poder fazer o que outras Igrejas haviam feito.[41]*

LXIX

Assim a vaidade, a ignorância, a fraude: eis os três fundamentos da fé de nossas Igrejas que se dizem apostólicas! Tais coisas não se refutam; apenas se cora por aquele que se permite escrevê-las, e escrevê-las sem provas.[42] Aliás, os grandes trabalhos feitos nestes últimos tempos provaram sem réplica a apostolicidade imediata de nossas principais igrejas.

LXX

Quanto à tradição bisontina, foi vingada pelos mais sábios homens da França e do estrangeiro. Basta citar Du Saussay em seu grande Martirológio das Gálias, resumo autêntico de todas as nossas antigas tradições.[43]

Ivigné: *«Besançon, cidade imperial, seu primeiro bispo foi são Lino, natural da Toscana.»*

LXXI

Moroni:[44]

> *São Lino, sucessor de são Pedro, foi o fundador da Igreja de Besançon. Uma prova, entre outras, é que a Metrópole é dedicada a são João Batista e a santo*

> *Estêvão. Essa dedicação teve por causa as pretensões opostas das duas mais antigas igrejas de Besançon, Santo Estêvão e São João, que disputavam a honra de ser a Metrópole: Santo Estêvão, porque fora fundada por são Lino por volta do ano 55; São João, por ter sido fundada no Monte Célio, por volta de 350, por santo Hilário e ter tido um capítulo estabelecido por são Frumínio, um de seus sucessores.*

O mesmo testemunho em Noavès[45] e em Duchesne.[46] Terminemos com esta passagem de Cláudio Robert, o sábio autor da *Gallia christiana*:

> *O primeiro bispo de Besançon foi o Bem-aventurado Lino, enviado de Roma por são Pedro, a quem sucedeu: Primus Vesuntionis præsul B. Linus, missus a S. Petro, Roma, postea Papa secundus.*

LXXII

Muito recentemente, a Igreja de Besançon acaba de afirmar autenticamente sua gloriosa genealogia elevando, para o seminário, a festa de são Lino à categoria de primeira classe e, para a diocese, à de dúplice maior.

Perguntamos: se nossos adversários tivessem contra nossa tradição a metade das provas que possuímos em seu favor, não triunfariam com segurança? É preciso acrescentar que, aos olhos de todo homem imparcial, seu triunfo seria legítimo.

LXXIII

Quanto à objeção tirada da lacuna ou interregno na sucessão dos bispos de Besançon, interregno que vai de são Lino (ano 55) a são Maximino (por volta do ano 286), há várias respostas.

1º) Esse interregno existiu realmente? Não o pensamos. Crer que, de volta a Roma, são Lino tenha esquecido completamente a nascente cristandade de Besançon e deixado o demônio senhor tranquilo do campo de batalha em que tão gloriosamente combatera seria conhecer muito pouco o zelo obstinado dos Apóstolos. Primeira razão pela qual esse abandono completo não é admissível.

2º) Nossos mais antigos manuscritos, *pervetusti codices*, dizem que, depois da volta de são Lino a Roma, homens apostólicos, isto é, enviados pelos Apóstolos, cuidaram da jovem cristandade de Besançon e que, entre eles, houve bispos, como o traz expressamente nosso manuscrito do século XVI.

3º) Que o nome desses primeiros bispos de Besançon tenha ou não chegado até nós, pouco importa. Quem conhece os sucessores imediatos de são Tomé nas Índias; de são Mateus na Etiópia; de são Simão e são Judas na Líbia; de santo André na Acaia? Essa ignorância foi jamais razão para negar a evangelização apostólica dessas diferentes regiões?

LXXIV

SÃO LINO EM ROMA

Apesar de suas numerosas ocupações, são Lino, voltado a Roma, não esqueceu as Gálias. É natural pensar que, entre os homens apostólicos enviados a Besançon, vários receberam dele sua missão. Com amor materno, amava sua filha no berço, e ninguém melhor que ele sabia quão importante era a conversão da capital da Máxima Sequânia.

LXXV

É ele, com efeito, que batizou o glorioso mártir são Nazário, um dos apóstolos da Gália Viense e da região dos Alpes. Por que não lhe teria indicado o campo que devia cultivar?

Essa indicação nos parece tanto mais provável quanto entrava nos desejos de são Lino; que são Nazário subiu o Ródano até Genebra e estendeu suas correrias apostólicas até Trèves. Costeando tão de perto, que digo!, atravessando a Sequânia, terá esquecido a cidade que mais importava conquistar para o Evangelho?

LXXVI

Seja como for, eis o que lemos no Martirológio das Gálias:

> *Natividade dos santos mártires Nazário e Celso, apóstolos da Gália Viense e da região dos Alpes. Nazário, oriundo de nobilíssima família romana, teve por pai Africano, personagem ilustre, mas imbuído de crenças judaicas; e por mãe, Perpétua, batizada por são Pedro.*

> *Ainda jovem, Nazário ouvia as discussões religiosas que havia entre seu pai e sua mãe e não sabia para que lado devia pender; mas sua alma estava profundamente perturbada.*

LXXVII

> *Por conselho de sua piedosa mãe, e sustentado pela graça, foi ter com são Lino, que o instruiu plenamente na doutrina cristã e o batizou. Pouco depois partiu para a Gália Cisalpina e veio a Milão. No momento em que, por ordem do tirano, foi obrigado a deixar essa cidade, sua santíssima mãe, que acabava de morrer, lhe apareceu e lhe disse que passasse à Gália Transalpina.*

> *Desceu a Genebra, onde pregou o Evangelho. Sua primeira conquista foi o jovem Celso, que tomou consigo. Ambos se dirigiram a Trèves, anunciando a boa nova, até que o prefeito Anolino, tendo-os mandado prender, foram decapitados.*[47]

Refere-se seu martírio por volta do ano 68, décimo terceiro do reinado de Nero.

LXXVIII

Pouco tempo depois, outro missionário foi enviado ao leste da França, isto é, a essa região da Gália Céltica de que Besançon fazia parte: esse novo apóstolo foi são Clar, sacerdote e mártir. Sua missão seguiu de perto o triunfo de são Pedro e de são Paulo: recebeu-a de seus sucessores imediatos.

Pode-se logicamente concluir desse relato que são Lino, fundador da Igreja de Besançon, foi levado a enviar são Clar a esse país para continuar a obra evangélica; e como essa missão teve lugar pouco depois da morte de são Pedro, só se pode atribuí-la a são Lino, seu sucessor imediato.[48]

LXXIX

Vê-se que, durante sua estada em Roma, o glorioso apóstolo de Besançon não ficou ocioso. Por ordem de são Pedro, estabeleceu que as mulheres fossem veladas na igreja. São Paulo assim o regulara para a igreja de Corinto, em sua primeira carta, escrita da Ásia Menor por volta do ano 57.

Essa data coincide mais ou menos com a época em que são Pedro, de volta de sua viagem ao Oriente, deixara em Roma são Lino, seu coadjutor, enquanto ele mesmo visitaria as cristandades do Ocidente.

LXXX

Os protestantes julgaram poder zombar desse decreto, como indigno de um bispo, e com mais forte razão do Chefe da Igreja. Não conhecem, pois, nem a primeira carta de são Paulo aos Coríntios, nem as circunstâncias em que esse decreto foi promulgado.

Duas coisas são de notar nos Atos dos primeiros Papas: o cuidado de assegurar a integridade da fé e a vigilância sobre a disciplina do culto, particularmente no que tocava às assembleias dos fiéis.

LXXXI

Os pagãos, que mediam os cristãos por sua régua, ousavam assimilar as assembleias religiosas de nossos pais aos festins de Tiestes e às outras abominações de que eles mesmos eram useiros. Importava soberanamente fazer cair suas calúnias.

Daí o decreto disciplinar de que se trata e a obrigação imposta às mulheres de serem veladas nas sinaxes; deviam-no para fechar a boca aos pagãos e por respeito aos sacerdotes, a quem são Paulo chama os anjos de Deus.

Daí ainda o ministério das diaconisas, seja no batismo, seja na igreja.

Daí, enfim, a separação rigorosa dos homens e das mulheres no lugar santo.

LXXXII

Esse sábio decreto tinha outro fim, tirar às mulheres a vontade de pregar nas igrejas. As diaconisas tinham diferentes funções, entre as quais os Padres põem o cuidado de instruir as mulheres, explicando-lhes o que elas mesmas haviam aprendido dos catequistas. Ora, era de temer que algumas imaginassem estar associadas ao sacerdócio da nova lei.

LXXXIII

Esse temor não era quimérico. Sob os próprios olhos dos Apóstolos o fato ocorrera entre os menandrianos, os gnósticos e os colirídios. Reproduziu-se entre os beguinos e a seita protestante dos Trêmulos ou Quakers.

São Lino, como são Pedro, não fora testemunha dessa audácia das mulheres? Simão, o Mago, não levava consigo sua Helena, a filha primogênita, dizia, de sua inteligência, por meio da qual pretendia formar anjos e arcanjos?

> *Era preciso, pois — diz Tertuliano —, que as mulheres soubessem que a nenhuma delas é permitido nenhum ministério sagrado.*[49]

LXXXIV

Sabe-se que, desde o próprio tempo dos Apóstolos, o demônio veio semear a mancheias a cizânia no campo da Igreja. Nos três primeiros séculos, contaram-se mais de trezentas heresias. Uma das primeiras foi a dos menandrianos.

Compatriota, discípulo e imitador de Simão, o Mago, Menandro fazia o papel de Messias. Por seus prestígios fazia-se passar por homem-Deus e pretendia que o mundo fora criado não por Deus, mas pelos Anjos. A esses devaneios acrescentava certas práticas não menos absurdas, entre outras um batismo que, dizia, tornava imortais seus partidários.

São Lino não se contentou em condená-lo, refutou-o, ou melhor, refutou-o condenando-o. Com a Escritura na mão, provou-lhe que o Deus que falara a Moisés era o Criador do mundo e que nada havia nas criaturas que fosse digno de censura.

LXXXV

Refutar os heréticos e condená-los não bastava ao zelo do digno sucessor de Pedro. São Lino quis deixar aos fiéis de todos os séculos um monumento de preço incomparável, escrevendo os Atos de são Pedro e de são Paulo, isto é, a história detalhada de seu martírio.

Ninguém, com certeza, estava mais bem situado para deixar à posteridade a narração autêntica dos gloriosos combates com que os grandes Apóstolos haviam coroado sua admirável vida. Por que é preciso que a heresia tenha maculado com sua baba impura esses venerandos atos!

LXXXVI

É certo, por um lado, que o ilustre apóstolo de Besançon, tornado sucessor de são Pedro, escreveu a história dos últimos momentos de são Pedro e de são Paulo. Não é menos certo, por outro, que os maniqueus interpolaram e falsificaram a narração de são Lino.[50]

Contudo, várias partes puramente históricas, que os maniqueus não tinham interesse em falsificar, não sofreram nenhuma alteração; tal é, por exemplo, a que contém o relato da fuga de são Pedro. É nos Atos de são Lino que santo Ambrósio a colheu. O fato se acha, aliás, atestado por outros historiadores e por monumentos ainda existentes.[51]

LXXXVII

Damos com toda a confiança essa passagem tão interessante dos Atos de são Lino. Os santos Apóstolos Pedro e Paulo estavam havia nove meses encerrados na horrível prisão Mamertina. Condenados à morte, cada dia esperavam a execução da sentença.

Essa sentença causara grande rumor entre os cristãos de Roma. Toda a Igreja estava em lágrimas. Grande número de matronas, de cabelos soltos, cercavam a prisão. Os próprios carcereiros, Processo e Martiniano, receberam o batismo. De guardas tornados filhos devotados dos santos Apóstolos, conjuraram são Pedro a conservar-se para a Igreja.

LXXXVIII

> *Suplicamo-vos — diziam-lhe —, ministro de nossa salvação, que providencieis vossa segurança. A nós, que libertastes das cadeias do demônio, fazei-nos a graça de sair da prisão onde estais acorrentado.*

Todos os irmãos juntavam suas orações e lágrimas às dos carcereiros.

São Pedro, cujo coração era cheio de ternura e que não podia ver as lágrimas alheias sem misturar as suas, deixou-se comover.

> *Irmãos bem-amados — disse-lhes —, que ninguém venha comigo. Mudarei de traje e sairei sozinho.*

LXXXIX

Na noite seguinte, depois da celebração da oração, despediu-se dos irmãos encerrados na prisão, abençoou-os, recomendou-os a Deus e partiu sozinho. Estava a caminho havia algum tempo quando as ataduras postas nas feridas que lhe haviam feito as cadeias se soltaram e caíram por terra.

Ao transpor as portas da cidade, viu Nosso Senhor que vinha ao seu encontro; caiu a seus joelhos e lhe disse: *«Domine quo vadis? Senhor, aonde ides?»*

O Senhor lhe respondeu: *«Venho a Roma para ser crucificado de novo.» — «Como, Senhor — retomou são Pedro —, sereis crucificado de novo?» — «Sim, serei crucificado de novo.»*

XC

São Pedro, sabendo que o divino Mestre já não podia morrer, compreendeu que era nele, seu servo, que seria crucificado. Voltou, pois, para junto dos irmãos, a quem contou o que lhe acontecera.

A notícia não tardou a espalhar-se. Um povo imenso se reuniu em torno da prisão; os carrascos de Nero tiraram dela o santo Apóstolo e o conduziram ao Janículo, não longe da naumaquia de Nero, onde foi crucificado.

XCI

Disse que a autenticidade dos atos de são Lino, no que diz respeito à fuga de são Pedro, é atestada por monumentos ainda subsistentes.

O primeiro é a pequena igreja da Fasciola, cujo próprio nome indica o lugar onde caíram dos pés de são Pedro as faixas que cobriam suas feridas.

O segundo é a venerável capela chamada *Domine quo vadis*, edificada no próprio lugar onde são Pedro encontrou Nosso Senhor.

XCII

Nada é mais seguro que essas tradições romanas, primeiro porque são romanas, isto é, conservadas sob os olhos dos Papas, no centro da Igreja mãe e mestra de todas as outras; depois, porque são invariáveis e tão populares que não encontrareis, em Roma, uma boa mulher que não vos indique com precisão os lugares, teatro de alguma ação dos Apóstolos são Pedro e são Paulo.

XCIII

Seja antes, seja depois da morte dos gloriosos chefes da Igreja, são Lino escreveu a história dos combates de são Pedro contra Simão, o Mago. É muito lamentável que esse precioso monumento de nossa heroica antiguidade esteja hoje perdido. Essa perda não deve espantar. Todos sabem que, em várias ocasiões, os Césares perseguidores mandaram procurar os livros cristãos e os entregaram às chamas.

XCIV

Entretanto, chegara a hora em que o apóstolo de Besançon, o amigo de são Paulo e de são Pedro, o primeiro sucessor do Chefe da Igreja, são Lino, devia receber, num glorioso martírio, a coroa de

suas virtudes e de seus contínuos trabalhos. Barônio e o Breviário Romano relatam nestes termos a história de seu triunfo:

> *No ano 78 de Nosso Senhor, nono do reinado de Vespasiano, sob o consulado de Cômodo e de Prisco, são Lino teve a cabeça cortada por ordem do ímpio e ingrato consular Saturnino, de quem libertara a filha possuída do demônio. Seu martírio teve lugar a 9 das calendas de outubro (23 de setembro), e foi enterrado no Vaticano, não longe de são Pedro.*

> *Primeiro coadjutor de são Pedro, subiu ao trono pontifício no ano 67 e o ocupou onze anos, dois meses e vinte e três dias. Durante seu pontificado criou, em duas ordenações feitas no mês de dezembro, quinze bispos e dezoito sacerdotes.*

XCV

Ter tido por fundador e primeiro bispo o primeiro Papa depois de são Pedro é uma glória incomparável que nenhuma Igreja partilha com a Igreja de Besançon. *Noblesse oblige*. Possa a antiga cidade tomar sempre a sério sua divisa: *«A Deus e a César perpetuamente fiel. Deo Cæsarique fidelis perpetuo!»*[52]

Notas

[1] 2 Tm IV, 21.

[2] *Sanctus Stephanus, beato Jacobo; Timothæus et Linus Paulo; Anacletus et Clemens, beato Petro ministrarunt.* («Santo Estêvão serviu ao bem-aventurado Tiago; Timóteo e Lino a Paulo; Anacleto e Clemente ao bem-aventurado Pedro.»)

[3] *Exercit.*, iv, n. 31.

[4] Mt XXIV, 14.

[5] Cor. a Lap., *in Matth.* xxiv.

[6] *Summa*, I-II, q. 106, art. 4, ad 1.

[7] Mc XVI, 15-20.

[8] Rm I, 8.

[9] Cl I, 23.

[10] *Hist.*, lib. II, c. 3.

[11] *Demonst. evang.*, lib. III, p. 205, ed. Migne.

[12] Indo de Roma à Inglaterra, são Pedro não se desviava muito passando por Besançon; ao menos pôde ter conhecimento preciso dessa importante cidade e conceber o desejo de fazê-la evangelizar.

[13] *Gallias in fide erudiendas statim post adventum in Italiam susceperunt.* («Tomaram a seu cargo, logo depois da chegada à Itália, as Gálias a serem instruídas na fé.») De Marca, *Epist. ad Henric. Vales.*

[14] *Tract. contr. Petrobrus.*, p. 770, ed. Migne.

[15] *Neque hæ quæ in Germania fundatæ sunt Ecclesiæ... neque hæ quas in Celtis.* («Nem as Igrejas que foram fundadas na Germânia... nem as que o foram entre os celtas.») (*Adv. hæres.*, c. xi e xii.)

[16] *Adv. Judæos*, p. 164, ed. Pamel., in-fol., 1583.

[17] *Hanc provinciæ latitudinem satis indicat archiepiscopatus diœcesis Vesuntina. Nam (ut ait Lucius papa) urbes et loca, in quibus Primates præsidere debent, non a modernis, sed multis ante adventum Christi statutæ sunt temporibus.* («Essa largura da província a indica suficientemente a diocese bisontina do arcebispado. Pois (como diz o papa Lúcio) as cidades e lugares em que devem presidir os Primazes foram estabelecidos não pelos modernos, mas muitos tempos antes da vinda de Cristo.») (Apud Joan. Jacob. Chiffl., *Vesuntio*, p. 10.)

[18] *De Bell. Gall.*, lib. I.

[19] A cidade do Bisão. Sobre esse nome bastante estranho, eis o que se lê no P. Chifflet (*Vesuntio*, p. 43): «Somos do parecer de nossos antepassados, que derivam o nome de Besançon de Bisão, animal selvagem que foi capturado no lugar onde hoje está a cidade. Lemo-lo em antiquíssimos manuscritos da igreja metropolitana, *in vetustissimis manuscriptis codicibus, Ecclesiæ Metropolitanæ*. Essa tradição, vinda até nós, diz que, ao desbravar uma floresta para edificar a cidade, achou-se um Bisão. Daí lhe veio o nome invariável de Bisontica, ou Visontica: o B mudado em V, como se vê com frequência. Por isso se encontra o Bisão nas antigas moedas ou medalhas de Besançon.»

[20] Pretende-se que Breno era rei dos sequanos: César vingou a tomada de Roma pela derrota de Ariovisto, que teve lugar, ao que parece, perto de Montbéliard, no território da aldeia de Dampierre-sous-Bois.

[21] *Epist. ad Henr. Vales.*

[22] Contam-se entre seus sucessores um membro da família Cláudia; e, mais tarde, Munácio Planco, discípulo de Cícero e fundador da cidade de Lyon.

[23] O palácio do governador romano ocupava o local da atual Metrópole.

[24] Nada é menos inverossímil. A passagem de Nosso Senhor pela terra ressoara até os extremos do mundo. Além disso, os Atos do Salvador, redigidos por Pilatos, haviam sido enviados a Tibério e se achavam em Roma nos arquivos do Senado.

[25] Eis algumas de nossas igrejas primitivas postas sob a invocação de santo Estêvão: Agen, Santo Estêvão; Besançon, São João Apóstolo e Santo Estêvão, 1º mártir; Bourges, Santo Estêvão; Cahors, Santo Estêvão, 1º mártir; Châlons, Santo Estêvão; Limoges, Santo Estêvão, 1º mártir; Lyon, São João; Meaux, Santo Estêvão; Metz, Santo Estêvão, 1º mártir; Saint-Brieuc, Santo Estêvão; Sens, Santo Estêvão; Toulouse, Santo Estêvão. Poder-se-ia completar esse trabalho estendendo-o às catedrais cujas dioceses foram suprimidas em 1802.

[26] *A Sancto Lino, primo Visuntino antistite, civitate ejecto, atque ad Romanam sedem translato, fidem faciunt pervetusti codices curatam ab apostolicis viris apud Bisuntinos rem Christianam.* («De que, expulso são Lino, primeiro prelado bisontino, da cidade e transferido à sé romana, a causa cristã foi tratada entre os bisontinos por homens apostólicos, dão testemunho os antiquíssimos códices.») (Chifflet, *Vesuntio*, pars II, p. 16, ed. in-4º, 1650.)

[27] Direta ou indiretamente, seja em Roma, seja nas Gálias, por Arquelau, por Pilatos, por Herodes ou pelos soldados gauleses, guardas pessoais de Herodes I.

[28] São Lino não pertencia aos setenta e dois discípulos escolhidos pelo próprio Salvador. Conta-se entre os outros discípulos que foram escolhidos pelos Apóstolos e que exerceram o mesmo ministério que os primeiros. (*Chron. d'Alexandrie*, p. 60.)

[29] Barônio dá uma cronologia um pouco diferente, mas que nada muda no fundo da narração.

[30] *Documents inédits sur l'hist. de la Franche-Comté*, p. 5 e segs.

[31] O Consular.

[32] Datas irrepreensíveis.

[33] O de são Protádio remonta ao século VII e afirma o apostolado de são Lino. Num antiquíssimo martirológio da igreja de São João, lia-se: «*VI calendas decembris Romæ, Lini Papæ et Martyris, qui primus, post Beatum Petrum duodecim annis rexit Ecclesiam Romanam, et ante Papatum fuerat primus archiepiscopus Bisuntinensis*» («A 6 das calendas de dezembro, em Roma, [natividade] de Lino, Papa e Mártir, que foi o primeiro, depois do Bem-aventurado Pedro, a reger por doze anos a Igreja romana e que antes do Papado fora o primeiro arcebispo bisontino»). (*Doc. inéd.*, p. 106.) — São Lino figura à frente de todos os catálogos dos bispos de Besançon.

[34] *Docum. inédits*, p. 108.

[35] Louca! É a questão. Quando começou essa pretensão? Onde estão os vestígios? Acusar não é provar.

[36] Isso lhe faz honra.

[37] Como o sabeis?

[38] Parece que o sabeis melhor que elas.

[39] Estáveis lá, então?

[40] Obrigado pela Igreja de Besançon.

[41] Quais? — Os §§ LXVI, LXVII e LXVIII são extraídos dos *Docum.*

[42] Esse autor é dom Ferron, beneditino, morto em 1816, prefeito de sua aldeia.

[43] Ao 23 de setembro: *Natalis Sancti Lini Papæ et Martyris; qui vir apostolicus Petro et Paulo ædificandæ Ecclesiæ magno adjumento fuit. Missusque in Galliam a Sancto Petro Vesuntionem veniens apud Onasium Tribunum hospitatus est, quem Christi notitia illustravit*, etc. («Natividade de são Lino, Papa e Mártir; varão apostólico que foi de grande auxílio a Pedro e Paulo na edificação da Igreja. Enviado à Gália por são Pedro, vindo a Besançon, hospedou-se junto ao tribuno Onásio, a quem iluminou com o conhecimento de Cristo», etc.)

[44] Em sua grande coleção em 106 volumes, intitulada: *Dictionnaire d'érudit. eccl.*, art. «Besançon».

[45] T. I, p. 21, e t. II, p. 238.

[46] *Hist. des Papes*, t. I, 1ª parte, fol. 1653.

[47] *Martyr. Gall.*, 28 juli.

[48] *Hic paulo post Apostolorum Trophæa ab eorum successoribus, Roma, ad Gentium conversionem, hanc in Celticæ Galliæ partem Legatus.* («Este, pouco depois dos troféus dos Apóstolos, foi enviado pelos sucessores deles, de Roma, para a conversão dos gentios, como Legado a esta parte da Gália Céltica.») (*Martyr. Gall.*, 4 nov.)

[49] *Ut nulli earum permitteretur in Ecclesia loqui, nec docere, nec tingere, nec offerre, nec ullius virilis muneris, nedum sacerdotalis officii sortem sibi vindicare.* («Para que a nenhuma delas se permitisse falar na Igreja, nem ensinar, nem batizar, nem oferecer, nem reivindicar para si a sorte de algum ofício viril, quanto menos do ofício sacerdotal.») (*De Veland. virg.*, c. ix.)

[50] *Scripsit res gestas Beati Petri.* («Escreveu os feitos do Bem-aventurado Pedro.») *Brev. Rom.* 2376. — *Genuina illa (acta) quidem olim extitisse noscuntur... quæ autem modo extant, Manichæorum reperiuntur tincta fuligine.* («Sabe-se que outrora existiram os genuínos (atos)... mas os que agora existem se acham tingidos da fuligem dos maniqueus.») Bar., an. 60, n. 6.

[51] *E quibus (actis) ea quæ scribit mutuatus est S. Ambrosius.* («Dos quais (atos) santo Ambrósio tomou emprestado o que escreve.») Bar., *ibid.*

[52] Ver, para os elementos desta Biografia: S. Ignat., *Epist. ad Trallens.*; Baron., an. 35, n. 201; an. 69; an. 80, n. 1; Ciacconius, *ad Anast. Biblioth.*, p. 1058, ed. Migne; Tertull., *adv. Marcion.*, lib. III; e *adv. Judæos*, p. 164, ed. Pamel.; *MM. Vatican.* x. secul.; Blanchinius, *ad Anast.*, p. 1050-1053 e 1055; Chifflet, *Vesuntio*, *passim*; *Itinerar. Antoni.*; *Breviar. imper.*; Maurolicus, *Martyrol.*, 12 Jun., *ad usum Eccl. rom.* Napoli, 1572; *Centuriator. Magdeburg.* Cent. I, lib. II, c. 10; Sandini, *Vitæ Pontif.*, vit. B. Lini; Hegesipp. Junior, *de Excidio Hierosol.*, lib. III, c. 2; *Encyclopéd. théolog.*, art. «Ménandre»; Bellarmin, *De scriptorib. Eccles.*, in *Act. S. Lini*; Sirmond., t. I, p. 270; ed. Veneta; Trithem., *De Viris illustrib.*; Sixtus Senensis, *Biblioth.*; *Brev. roman.* 21 Jul., etc., etc.; Duchesne, *Hist. des Papes*; Claude Robert, *Gall. Christ.*; Ivigné, *Dict. théolog.*; Novaès; Moroni, *Diction.*; de Marca, *Epist. ad Henric. Vales.*; *Monuments inédits sur l'histoire de Besançon*; Henschenius, *Exercit.* IV; Du Saussay, *Martyrol. Gallic.* 21 septemb.; Euseb., *Hist.*, lib. III, p. 203, ed. Migne; S. Thomas, I-II, q. 106, art. IV, ad 4; Cornel. a Lap., *in Matth.* c. xxiv; Euseb., *Hist.*, lib. II, c. 3; Petr. Cluniac., *adv. Petrobrus.*, p. 710, ed. Migne; S. Iren., *adv. Hæres.*, c. xi e x, etc.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:06:41 by Admin
Updated 27 November 2026 01:06:41 by Admin